

As visadas polêmicas como tecnologias de resistência *queer*

RESUMO

Carlos Henrique Bem Gonçalves
E-mail: carlosbem@hotmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

No Brasil contemporâneo as batalhas discursivas sobre gênero e sexualidade tem se apresentado cada vez mais polêmicas e produzido diversos efeitos de sentido. Neste trabalho, nosso objetivo é conceituar as visadas polêmicas como tecnologias de resistência *queer*. O texto foi organizado em duas seções, sendo: na primeira, definimos o que entendemos como a nova direita brasileira e apresentamos um breve histórico sobre o *queer*. Na segunda, discorremos sobre o discurso polêmico e sua estrutura. Adotamos os construtos teórico-metodológicos da Linguística *Queer* para analisar os dados. Os resultados mostram que as visadas polêmicas se configuram como estratégias argumentativas que podem reiterar estruturas de poder e dominação, mas também como possibilidades de resistência aos intentos biopolíticos da heteronormatividade, ou seja, tecnologias de resistência *queer*. O material de análise é composto por enunciados de parlamentares numa reunião da comissão de direitos humanos da Câmara dos Deputados.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso polêmico. Ressignificação. Nova direita. Argumentação.

INTRODUÇÃO

Uma semana após o Supremo Tribunal Federal (STF) ter instituído que as violências que atingem as pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e/ou outras categorias identitárias que não se encaixam no padrão heteronormativo, aqui denominadas pela sigla LGBTQ+, deverão ser interpretadas, por analogia, como crimes de racismo, uma seção da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados protagonizou um forte debate acerca desse tema. Na ocasião, o jornalista Glenn Greenwald foi convocado a dar explicações acerca de denúncias publicadas no site *The Intercept Brasil*, no qual é editor, supostamente envolvendo o ex-juiz Sérgio Moro e procuradores responsáveis pelas investigações da Operação Lava-Jato.

O ponto polêmico se concentrou no questionamento do deputado federal José Medeiros do partido PODEMOS/MT - base bolsonarista - que a despeito de questionar o jornalista sobre supostos subornos, espionagem russa e a possível relação entre a renúncia do ex-deputado federal Jean Wyllys com a posse do atual deputado David Miranda, ambos do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL/RJ), asseverou: “o senhor fez algum acordo financeiro para que o ex-Big Brother Jean Wyllys para que ele renunciasse em favor de seu parceiro sexual?” A expressão “parceiro sexual” foi imediatamente rebatida pela Deputada Talíria Petrone, do PSOL/RJ: “Parceiro sexual, não! Marido”. O enunciado “parceiro sexual” foi apontado como homofobia.

David Miranda substituiu o ex-deputado Jean Wyllys que renunciou ao mandato devido às ameaças de morte, costumeiramente recebidas ao longo de sua atuação no Congresso. O presidente da comissão de direitos humanos sugeriu a supressão do enunciado da ata da reunião, mas o insulto homofóbico já tinha disparado uma polêmica que se expandiu para os veículos de comunicação e mídias digitais¹ ganhando visibilidade nas redes sociais, em especial, no *Twitter*.

No final da reunião, Glenn e David Miranda se beijaram na boca e o deputado publicou a imagem em seu perfil no microblog com a legenda: “tenha orgulho do seu amor”. Talvez, este tenha sido o primeiro beijo público entre dois homens protagonizado por um parlamentar no espaço institucional do Legislativo Federal. De outro lado, o Deputado José Medeiros realizou uma enquete e perguntou aos seus seguidores se ele deveria perder o mandato e se sua expressão poderia ser entendida como homofobia. 77% responderam: “sim”.

Este trabalho pretende conceituar as “visadas polêmicas” apontando-a como uma estratégia discursivo-argumentativa de grupos políticos da extrema-direita representada, na contemporaneidade, pelo que temos nomeado como bolsonarismo. Por outro lado, pretendemos apontar que estas visadas também são utilizadas como tecnologia de resistência *queer*. Para operacionalizar as análises selecionamos os enunciados na comissão de direitos humanos como ponto de partida para refletirmos acerca dessas batalhas argumentativas na sociedade brasileira contemporânea e os efeitos de sentido que elas mobilizam.

Adotamos a Linguística *Queer* (BORBA, 2015) como caminho metodológico. Ela é uma proposta que tem como método desconstruir e contestar estruturas linguísticas para produzir análises e críticas socioculturais. Nessa perspectiva, a Linguística *Queer* (LQ) busca “investigar como indivíduos considerados não-

normativos negociam suas identidades dentro dos constrangimentos discursivos da heteronormatividade ao repeti-la ou desafiá-la” (BORBA, 2015, p. 100).

O trabalho está organizado em dois momentos: no primeiro, apresentamos nosso entendimento sobre a atual extrema-direita, sua atuação nas mídias digitais, conservadorismo e a heterossexualidade compulsória como norteadora da vida em sociedade. Ainda no primeiro momento, apresentamos um breve histórico sobre o *queer* e suas potencialidades como movimento contestador de estruturas hegemônicas. No segundo, conceituamos as visadas polêmicas como tecnologias de resistência *queer*, identificando que elas sustentam as batalhas por pertencimento e deslocam as geografias da razão ao resignificar os insultos que, culturalmente, insistem em manter os não-heterossexuais num lugar social de vergonha, inferioridade, descrédito e ilegitimidade arrancando-lhes a dignidade e cidadania plena.

BOLSONARISMO: A HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA COMO NORTEADORA DA VIDA SOCIAL

As jornadas de junho de 2013 fizeram eclodir o que Paulo Arantes (2014, p. 1) considera como “A Nova Direita” no Brasil, cujas características passam pelo desvio dos “esquemas tradicionais da política.” Para Renato Ribeiro (2015, p. 1), “o que distingue a extrema-direita hoje no Brasil é quase que mais uma agenda de costumes do que uma agenda política. [...] A extrema-direita está se distinguindo do restante por um ódio cabal aos direitos humanos.” Michael Löwy (2015, p. 663), aponta que há diferenças e semelhanças entre a extrema-direita no Brasil e na Europa. A diferença mais preocupante é que, no Brasil, há um “apelo aos militares.” No entanto, duas semelhanças são observadas: (i) a ideologia repressiva, materializada pelo clamor à violência policial; (ii) a intolerância com as minorias sexuais, com forte apelo aos valores religiosos manifestados pelo catolicismo na França e evangélicos, no Brasil.

Para Angela Alonso (2019, p. 57), os conservadores se levantaram contra o ‘esquerdismo comportamental’ que teria sido mobilizado pelas políticas identitárias e pelo reconhecimento de direitos associados às discussões amplificadas sobre os novos papéis de gênero e padrões de famílias durante os governos do Partido dos Trabalhadores (PT). Esse aumento na visibilidade e direitos de grupos antes invisibilizados, como a população LGBTQ+, gerou a insatisfação de setores religiosos e, desta forma, a vocalização mais potente desse incômodo no espaço público tem sido das “igrejas evangélicas, produtoras de contradiscurso, obstrutoras de projetos no Parlamento e lobistas, junto às instituições, contra ‘imoralidades’, como o ‘kit gay.’” (ALONSO, 2019, p. 57).

Marilena Chauí (2016), assevera que a partir de 2015 ficaram mais evidente reivindicações de retorno da ditadura militar no Brasil, uma maior presença e visibilidade de grupos de extrema-direita como a Tradição, Família e Propriedade (TFP), e nos espaços de representação, o crescimento e fortalecimento da bancada dos 3Bs (Boi, Bala e Bíblia) que estão vinculadas, respectivamente, ao agronegócio, instituições militares e cristãos conservadores. Para Argus Romero Abreu de Moraes (2019, p. 156), o discurso da extrema-direita está estruturado em distintas culturas conservadoras, a saber:

a compreensão do indivíduo como investimento e como empresa, (ii) a propriedade privada como direito sagrado, (iii) o acúmulo de riqueza como principal índice de liberdade e de progresso individual, social e espiritual, (iv) a família cristã como fiadora dos valores morais, (v) a rigidez corporativa/hierárquica como princípio da organização social, (vi) a (re)aproximação entre Estado e Religião como garantia de hegemonia política dos grupos dominantes e (vii) o uso da violência como condição estruturante da ordem e do progresso.

Segundo Francisco Bosco (2017), as mídias sociais digitais se configuram como o novo espaço público brasileiro e ganhou emergência a partir das manifestações de junho de 2013. Esse movimento consolidou o colapso do Lulismo, proporcionou a reconfiguração do espaço público brasileiro e contribuiu para a emergência de uma nova direita brasileira, que tem como uma das características, a forte atuação nas mídias digitais. Sérgio da Silveira (2015) aponta que a nova direita soube utilizar com mais eficácia as mídias digitais, organizando manifestações contrárias ao governo de Dilma Rousseff e um levante contra as pautas de esquerda, canalizando de forma eficiente as ideias de grupos conservadores de diversas matizes para uma unidade na pauta de costumes como as relacionadas à orientação sexual, políticas de gênero e criminal, educação, família e outros temas vinculados a valores morais.

Para Alonso (2019, p. 55), esse movimento fez eclodir o bolsonarismo, um agrupamento político que forma uma comunidade moral estruturada em binarismos e que expressam valores morais axiológicos, que organizam o mundo em bem e mal, sagrado e profano, família e indecentes. “A comunidade moral bolsonarista trava uma ‘guerra cultural’ nas redes sociais, armada de verborragia feroz.” Esther Solano (2019), assegura que a candidatura à Presidência do então deputado Jair Bolsonaro se ergueu e se potencializou na negação das diferenças e na moralização do debate público, apresentando seus adversários como inimigos a “não só de ordem política, mas também de ordem moral e religiosa [...] o outro é o negativo absoluto, o mal, aquele que ameaça minha forma de existência e, portanto, deve ser exterminado” (SOLANO, 2019, p. 317).

Frente ao exposto, postulamos que o bolsonarismo se apega numa moral heteronormativa que impõe aos sujeitos não-heterossexuais associações semânticas relacionadas a valores negativos. Essa moral se materializa em atos de linguagem que naturalizam a heterossexualidade como norte universal de credibilidade, sucesso e felicidade e, de outro lado, a não-heterossexualidade como sinônimo de descrédito, não-sucesso e infelicidade.

No entanto, os não-heterossexuais podem não se reconhecer nas representações compulsórias heteronormativas e, nesse caso, podem não se assujeitar a essas regras e valores. Esse sujeito buscaria, conscientemente ou não, ressignificar esses valores: sair do sentimento de vergonha para o orgulho, do não desejável para o desejável, do inferior para a igualdade, da maldade para a bondade, da não plenitude para a integralidade. Ao desafiar as regras da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2015) e não se reconhecer nesse jogo que legitima a violência, “a pessoa que age, imoralmente, não somente não sente vergonha alguma, como sente orgulho. Talvez seja um erro em falar em imoralidade, talvez seja mais prudente falar em outra moral” (LA TAILLE, 2002).

Nesse raciocínio, propomos que o protagonismo de sujeitos não-heterossexuais ao assumirem uma performance discursiva em contraposição à

heterossexualidade compulsória seria uma ação militante contestadora da moral heteronormativa, podendo, em alguma medida, ressignificar os sentidos negativos atribuídos a esses sujeitos a partir dos valores reiterados em nossa cultura. Nessa perspectiva, tomaremos o *Queer* como uma ação contestadora.

O QUEER COMO RESISTÊNCIA À HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA

Ao pesquisar a palavra “*queer*” no dicionário, é possível encontrá-la como adjetivo e verbo. No Cambridge Dictionary, o *queer* é “um adjetivo para ofender homossexuais, em especial, homens gays, é algo estranho, incomum ou não esperado” (CAMBRIDGE, 2018)². No dicionário Michaelis, é identificado como adjetivo e verbo. Como adjetivo é “esquisito, ridículo, fantástico, estranho, adoentado, homossexual, viado, bicha louca” (MICHAELIS, 2018). Como verbo, é associado a “estragar, arruinar, embaraçar, desconcertar, colocar-se em posição embaraçosa” (MICHAELIS, 2018). No dicionário Infopédia, é traduzido como “estranho, esquisito, fora do vulgar, excêntrico, singular, original, suspeito, de caráter duvidoso” (INFOPÉDIA, 2018). O verbete pode ser usado como um substantivo “ofensivo (homossexual)” (INFOPÉDIA, 2018) ou como verbo que indica uma ação de “estragar, escangalhar, desconcertar, transtornar, prejudicar” (INFOPÉDIA, 2018).

Conforme Judith Butler (2002), o *queer* é instituído culturalmente como uma forma de estigmatizar a homossexualidade a partir de uma ideia de que essa característica da sexualidade seria uma doença. Dessa forma, ao utilizar o *queer* como um ato de nomeação em relação ao outro, um dos objetivos daqueles que fazem uso do termo é regular, discursivamente, a legitimidade das expressões da sexualidade. Designar o outro como *queer* se constituía como um insulto, uma adjetivação para deslegitimá-lo e desautorizá-lo em relação à sua expressão sexual.

Em artigo intitulado “Teoria *Queer*, o que é isso?”³, Helena Vieira (2015) faz um percurso histórico para apontar que o termo é utilizado há mais de 400 anos. Em Londres, na Inglaterra, havia uma “*Queer Street*”, que era um local onde viviam “os vagabundos, as prostitutas, os pervertidos e devassos”. No entanto, para Vieira (2015), o termo ganha uma conotação pejorativa e de insulto em relação à homossexualidade a partir da prisão de Oscar Wilde⁴, o primeiro ilustre a ser nomeado de “*queer*”.

Para Butler (2002), o uso do termo “*queer*” parece ser uma forma de nomear o outro com o objetivo de imprimir ao sujeito a quem se destina essa nomeação sentimentos de vergonha e humilhação. Para Louro (2008), os “*queer*” são os sujeitos que expressam uma sexualidade desviante da norma, ou seja, os não-heterossexuais, e, por isso mesmo, são os corpos estranhos, abjetos, a vida matável. Conforme Richard Miskolci (2014), o “*queer*” é um termo usado para ofender, insultar e humilhar homossexuais e sujeitos dissidentes de gênero.

No ano de 2014, a Revista Cult – edição 193, ano 17 – publicou um dossiê intitulado “Teoria *Queer* – o gênero em discussão”⁵, onde “*queer*” é a “designação pejorativa para gay, *queer* poderia ser traduzido por ‘bicha’ ou ‘viado’, carregados de preconceito e da violência contra os homossexuais”. Nessa perspectiva, o *queer* deve ser compreendido como um adjetivo para nomear, deslegitimar e humilhar pessoas não-heterossexuais, ou seja, um insulto aos homossexuais. Quem

confirma esse entendimento é Berenice Bento (2014), para quem o *queer* poderia ser traduzido, na cultura brasileira, como “transviado”, “bicha louca”, “viado”, “traveco”, “travesti”, “sapatão”, termos utilizados para rebaixar e degradar homossexuais e que são ensinados ao longo da vida. Nesse sentido, Bento (2014, p. 45) diz que:

Muitas vezes escutamos uma criança insultando outro de “bicha” ou de “sapatão”. Ela provavelmente não sabe nada sobre o que significa estes termos, mas entende que é uma coisa feia, e chega a esta conclusão pelas fisionomias de nojo e de ódio dos seus pais ao proferirem estas palavras. A bicha, o sapatão, a trava, o traveco, a coisa esquisita, a mulher-macho, devem ser eliminados. Isso faz com que haja um horror, um medo profundo de ser reconhecido como aquilo que retiraria de si qualquer possibilidade de ser amado/a.

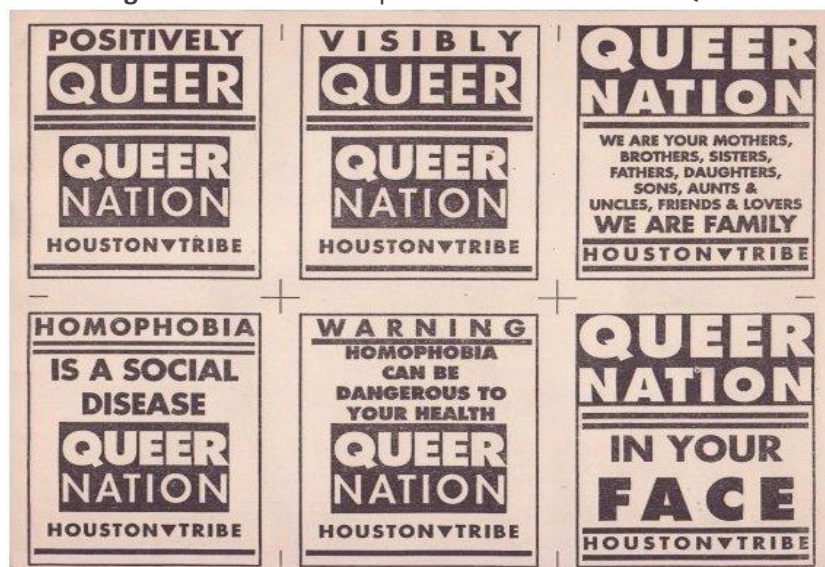
Sendo a homossexualidade compreendida como uma patologia, os *queers* começam a se organizar em torno de movimentos sociais. As décadas de 1960 e 1970 registram o início da organização desses sujeitos não-heterossexuais em torno da luta política contra os estigmas e discriminação a que estavam submetidos. Em 1969, nos Estados Unidos, acontece a chamada “Revolta de *Stonewall*”, quando gays, lésbicas, travestis e transexuais reagiram às insistentes batidas policiais no bar *Stonewall Winn*, em Nova York.

Conforme Júlio Simões e Regina Facchini (2009), a revolta durou vários dias de enfrentamento com a polícia, transformando Nova York em uma praça de guerra. A revolta forçou a visibilidade internacional e as autoridades políticas ordenaram a retirada da tropa de choque policial no enfrentamento público contra os *queers*. Diante desse cenário, é instituído o dia 28 de junho como o *Dia Internacional do Orgulho Gay* para lembrar o dia em que os *queers* saíram do gueto e ocuparam o espaço público para lutar e resistir pelos seus direitos. Um ano após a revolta, é realizada a 1ª Marcha do Orgulho Gay na cidade de Nova York, tendo se tornado o marco inicial do que, hoje, no Brasil, conhecemos como Parada da Cidadania e do Orgulho LGBTQ+.

O empoderamento que os *queers* buscaram a partir da organização em torno de movimentos sociais foi fundamental para o surgimento e propagação de um discurso de contestação da ordem hegemônica, constituindo-se, de acordo com Butler (2009), como resistência ao colocar em confronto público a luta pelo reconhecimento das suas vidas e dos seus afetos.

Nesse cenário, surge nos Estados Unidos movimentos como os *ACT-UP* e o *Queer Nation*, com a apropriação de atos enunciativos performativos e contestadores que buscaram ressignificar, conforme Butler (2002), o uso do termo *queer* que até então era usado, unicamente, como insulto e ofensa aos não-heterossexuais, dando a ele novas possibilidades de efeitos de sentido. Uma série de materiais publicitários desses movimentos comprova a intencionalidade de ressignificar o insulto dando a ele um significado de orgulho e pertencimento, conforme abaixo:

Figura 1: Coletânea de panfletos do movimento *Queer Nation*



Fonte: <http://queermusicheritage.com/mar2010.html>

Os dois movimentos se apropriaram de signos linguísticos utilizados para insultá-los e ousaram propor uma nova visão sobre os termos. A estratégia proporciona que esses sujeitos possam sair da condição de vergonha para o protagonismo e o orgulho, sem se submeterem à cultura hegemônica, adotando performances discursivas que contestem as regras culturais que possam gerar opressão e exclusão de gênero. Conforme Guacira Lopes Louro (2008), esse movimento seria a voz do “excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’ (...) um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina”. Em Butler (2002), o protagonismo desses movimentos seria a comprovação de que os significados podem ser alterados a partir da reapropriação de termos insultuosos, como oportunidades discursivas, onde os seres abjetos passam a exigir a reivindicação de si e dos seus direitos enquanto vidas que importam.

Importante salientar que não estamos tratando o *Queer* como uma identidade, pelo contrário, o termo tem sua origem gestada na polêmica, na contestação e reivindicação por significados outros que perturbam a ordem natural em torno da heterossexualidade compulsória. A linguagem parece ter sido uma tecnologia adotada desde o início para fazer esse movimento de contestação. Frente a essa possibilidade, conceituaremos, a seguir, as “visadas polêmicas” como tecnologias de resistência *queer*.

AS VISADAS POLÊMICAS COMO TECNOLOGIAS DE RESISTÊNCIA *QUEER*

Para Ruth Amossy (2017), em um debate de ideias, cujas teses antagônicas entram em cena, sempre será possível encontrar um Proponente, um Oponente e

um Terceiro. No nosso entendimento, esse Terceiro seria o auditório, que deverá ser convencido por uma das partes no debate, caso não haja a possibilidade de construção do consenso. Nessa estrutura, “a polêmica, que muitas vezes é excluída do ‘reino’ da argumentação, aparece como uma forma argumentativa difícil de distinguir das outras” (AMOSSY, 2017, p. 232). Desse modo, para que haja polêmica, Amossy (2017) define três estruturas.

A primeira, é preciso que dois posicionamentos antagônicos sejam colocados em debate como duas “opções antitéticas que se excluem mutuamente” (AMOSSY, 2017, p. 232); logo, existe uma oposição radical entre as teses em debate, sendo impossível a construção do consenso.

A segunda estrutura diz respeito à presença da dicotomização. Nesse caso, a presença da polarização entre dois campos antagônicos produz efeitos sociodiscursivos em que esses dois campos desenvolvem uma hostilidade mútua (AMOSSY, 2017, p. 232). Assim, a polarização, a rigor, sempre apresenta um “nós” contra “eles”.

A terceira – e última – estrutura postula que essa polarização tem implicações identitárias. Nesse caso, um dos efeitos de sentido da polarização é a possibilidade do Terceiro – na relação com o Proponente e Oponente – se aliar a um grupo identitário ou reforçar suas teses. “Quanto mais a adesão a uma determinada tese é constitutiva de uma identidade compartilhada, mais o indivíduo tenderá a apegar-se a ela” (AMOSSY, 2017, p. 233). A adesão à tese de um dos campos em debate se reflete na maneira como os sujeitos percebem a si mesmos, na maneira como os outros os veem e na forte participação desse sujeito nessa comunidade identitária. Para Amossy (2017), é a disputa pela adesão do Terceiro que está em jogo na interação polêmica, quando “encontramo-nos então numa lógica de divisão social, de defesa identitária e de combate pelo triunfo dos valores e opções de seu grupo” (AMOSSY, 2017, p. 233).

Frente a esses pressupostos teóricos, temos que a polêmica é um discurso dialógico que se apresenta sob a forma de um antidiscurso, que se caracteriza pela dicotomização, polarização e pela busca da desqualificação da tese do outro ou da pessoa do outro. Destarte, temos que a polêmica, a princípio, tida como algo negativo para a democracia, ganha outro significado quando ela pode ser utilizada como uma estratégia para confrontação pública, na qual “cada um dos dois campos pode expressar sua dissensão com base em valores comuns, que saem fortalecidos mesmo quando são diversamente interpretados” (AMOSSY, 2017, p. 242).

Em debate na seção do dia 25 de junho de 2019 da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados o parlamentar José Medeiros questionou o jornalista Glenn Grenwald com o seguinte enunciado:

O senhor fez algum acordo financeiro para que o **ex-Big Brother** Jean Wyllys para que ele renunciasse em favor de seu **parceiro sexual**?
(grifo *nosso*)

A escolha dos léxicos adjetivais aponta que o parlamentar optou pela polêmica como uma estratégia argumentativa. Numa primeira estrutura observamos que os léxicos “ex-big brother” convoca uma memória discursiva para um programa popular da televisão brasileira, costumeiramente apontado como uma característica de descrédito na trajetória política do ex-deputado Jean Wyllys,

que participou e venceu a edição do *reality show* no ano de 2005. Ao nomeá-lo como “ex-big brother” parece existir uma visada polêmica que pretende se ancorar em valores morais que retiram a legitimidade e a importância de um parlamentar assumidamente gay que, em diversos momentos, venceu prêmios de melhor parlamentar do Congresso. A orientação sexual parece ser o que condiciona os enunciados. O léxico adjetival “parceiro sexual” prontamente criticado pelos demais parlamentares da comissão refere-se ao cônjuge do jornalista sabatinado, o deputado federal David Miranda. A estratégia de não nomeação dos dois parlamentares assumidamente gays parece se ancorar na heterossexualidade compulsória que pretende apontar a homossexualidade como uma característica que retira do *status* de legitimidade parlamentar de um membro do Legislativo Federal. Nesse caso, estaria caracterizada a presença da primeira estrutura do discurso polêmico, quando duas teses entram em debate e não há possibilidade na construção do consenso.

A segunda estrutura aponta para um “nós” contra “eles” ancorados numa vocalização por valores morais que entram em confronto. A orientação sexual do jornalista sabatinado e dos dois parlamentares – David Miranda e Jean Wyllys – torna-se o ponto central na disputa argumentativa, ainda que este não seja o tema a ser tratado na pauta da comissão. Estabelece-se uma dicotomização e a polarização entre os dois campos – bolsonarismo x não-bolsonarismo – que passam a desenvolver uma hostilidade mútua. De um lado, o bolsonarismo parece apostar em visadas polêmicas, sustentada pela moral heteronormativa, como uma estratégia de retirada do foco das denúncias que atingiram o Governo, mas também como uma visada argumentativa para disseminar suas ideologias colocando em confronto um proponente e um oponente em busca do convencimento de um terceiro, o auditório, ou seja, o eleitorado desse agrupamento político. De outro lado, os não-bolsonaristas ao nomear o deputado como “homofóbico” parecem fazer uso de visadas polêmicas como estratégia de denúncia da discriminação, mas também como uma aposta na ressignificação de valores morais evocados pelo enunciado “parceiro sexual” que parece pretender colocar os não-heterossexuais num lugar social de promiscuidade, reduzindo a homossexualidade à pornografia e evocando uma memória social e cultural de que a homossexualidade é sinônima de ausência de seriedade e credibilidade, sobretudo relacionadas ao contexto que fez o jornalista ser convocado para uma sabatina na comissão, ou seja, para explicar as denúncias que atingiram a credibilidade do Governo.

A terceira estrutura do discurso polêmico aponta que essa polarização de teses tem implicações identitárias. Os dois campos em fricção passam a disputar a fidelização do auditório, ou seja, do eleitorado em torno de suas teses quando podemos inferir que ambos apostam na polêmica como uma possibilidade de “triunfo dos valores e opções de seu grupo” (AMOSSY, 2017, p. 233).

Para Michel Foucault (2004) é possível falar em quatro tipos de tecnologias que interferem nas formas como os sujeitos simbolizam suas vidas e moldam comportamentos e ideologias nas culturas ocidentais. Dentre as tecnologias, destacamos as tecnologias dos sistemas de signos que, conforme Foucault (2004) agrupam as formas pelas quais os sujeitos utilizam os signos, sentidos, símbolos e produzem significação. É nessa tecnologia que a materialidade linguística e discursiva se realiza de modo que a heterossexualidade compulsória se naturaliza pelos processos de utilização da linguagem e normalização dos significados em

torno da sexualidade. Foucault (2004) também assevera sobre as tecnologias de si, quando os sujeitos realizam com “seus próprios meios ou com a ajuda de outros, certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar certo estado de felicidade...”(FOUCAULT, 2004, p. 323-324).

Ancorados em Amossy (2017) e em Foucault (2004) fazemos uma “apologia à polêmica”, como uma oportunidade de aprofundamento do debate democrático, e propomos o conceito de *visadas polêmicas como tecnologias de resistência queer*, cuja principal função é colocar em questionamento valores morais naturalizados na cultura e que retira dos sujeitos não-heterossexuais o direito à felicidade, dignidade, igualdade e vida plena, valores basilares de uma democracia. Nesse caso, as *visadas polêmicas como tecnologias de resistência queer* se realizam na linguagem e está ancorada num tripé, qual seja: 1) a utilização de visadas polêmicas como estratégia argumentativa-contestadora; 2) as visadas polêmicas deslocam as geografias da razão e proporcionam batalhas pela ressignificação da matriz de inteligibilidade de gênero; 3) as visadas polêmicas possibilitam colocar em circulação no espaço público o aprofundamento dos ideais de democracia.

Como exemplificação do funcionamento desse tripé tomaremos como objeto de análise a reação do Deputado David Miranda aos insultos verbais proferidos pelo Deputado José Medeiros. O deputado gay beijou seu cônjuge no final da reunião da comissão de direitos humanos e, posteriormente, publicou a imagem em suas redes sociais, conforme veremos, abaixo.

Figura 2: Deputado David Miranda beija seu marido, Glenn Greenwald



Fonte: <https://twitter.com/davidmirandario>

Nosso ponto de partida é que o beijo gay dentro do espaço institucional do Congresso Nacional e performatizado por um parlamentar é uma visada polêmica estrategicamente utilizada como tecnologia de resistência *queer*. A materialidade textual presente na legenda da imagem “tenha orgulho do amor da sua vida”

seguida de duas figuras ilustrativas de um coração e do arco-íris, símbolo da luta pelos direitos LGBTQ+, reforçam a visada polêmica como uma estratégia de guerrilha ao colocar em questionamento os valores morais evocados pelo enunciado do parlamentar bolsonarista, realocando os efeitos de sentido propostos pela heterossexualidade compulsória.

A visada polêmica adotada pelo parlamentar parece cumprir o tripé proposto para tomá-la como uma tecnologia de resistência *queer*. O léxico adjetival “parceiro sexual” parece ser a tradução de *queer*, já que o uso do enunciado sugere uma tentativa de deslegitimação da atuação jornalística e parlamentar dos destinatários do enunciado, configurando-se com uma tentativa de insulto por não serem heterossexuais.

A estratégia de resistência utilizada pelo deputado se ancora numa visada argumentativa que busca, na polêmica, a resignificação dos insultos aos quais foram expostos na comissão de direitos humanos. O beijo simboliza o arrefecimento da polarização das teses e coloca a orientação sexual no centro de uma arena de lutas que pretende deslocar as geografias da razão em torno dos significados que um beijo entre dois homens pode simbolizar.

Para o bolsonarismo essa expressão de afeto pode significar uma espécie de traição da natureza biológica e da função social de reprodução marcadamente pelo gênero masculino vinculado à anatomia dos corpos que se beijam. Contudo, a visada polêmica se apresenta como uma tecnologia de resistência ao se colocar em fricção com a norma convocando uma batalha pela resignificação em torno de gênero, afeto e sexualidade. A polêmica proposta pelo beijo gay parece se constituir como um caminho para denunciar a discriminação e a violência verbal, mas também para propor um debate público na sociedade brasileira em torno dos direitos humanos e da democracia. Direitos como felicidade, constituição familiar e não violência, se avançados no ordenamento jurídico brasileiro, por outro lado, mostram que na cultura ainda engatinham em termos de dignidade e cidadania, sobretudo quando esses corpos *queers* ousam levantar suas vozes e ocupar espaços tradicionalmente heterossexuais, como o parlamento brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos refletir sobre as visadas polêmicas como uma estratégia argumentativa para reiteração da matriz heterossexual, mas também como uma tecnologia de resistência *queer*. Na primeira parte do texto, apresentamos a nova direita contemporânea no espectro político no Brasil, suas características e o bolsonarismo como uma vertente desse agrupamento político, bem como uma breve trajetória do termo *queer* e suas potencialidades como estratégia de contestação de normas hegemônicas.

Na segunda, apresentamos a estrutura do discurso polêmico e sua construção argumentativa. Ancoramo-nos nessa estrutura para analisar a polêmica como uma estratégia argumentativa que pode sustentar os valores morais excludentes, mas também se apresentar como tecnologias de resistência. Conceituamos as visadas polêmicas como uma tecnologia de resistência *queer*, quando pessoas não-heterossexuais podem utilizar de arranjos discursivo-argumentativos para contestar as regras sustentadas pela heterossexualidade compulsória, colocando-

se sempre em fricção com a norma, numa constante batalha por pertencimento, deslocando os sentidos e significados negativos, historicamente atribuídos a eles.

Concluimos que os sujeitos não-heterossexuais ao ocuparem espaços tradicionalmente heterossexuais, como o parlamento brasileiro, sempre estarão em confronto com a norma já que essas normatizações estão sustentadas por uma cultura heteronormativa, acostumada a não conviver com as diferenças de gênero e sexualidade. A polêmica pode ser uma boa estratégia para enfrentar esse contexto de violências e estigmatização, propondo novos lugares e efeitos de sentido, não aceitando e nem se submetendo a valores morais e regras de comportamento das quais não se identificam. A linguagem, materializada nos discursos polêmicos, parece ser um bom caminho para batalhar por mais democracia, cidadania, dignidade e direitos humanos.

The controversial targets such as queer resistance

ABSTRACT

In contemporary Brazil, discursive battles over gender and sexuality have become more and more controversial and have produced various effects of meaning. In this work, our objective is to conceptualize the polemic targets as technologies of queer resistance. The text was organized in two sections: in the first, we defined what we understand as the new Brazilian right and presented a brief history of queer. In the second, we discuss the controversial discourse and its structure. We adopted the theoretical-methodological constructs of Queer Linguistics to analyze the data. The results show that the controversial constructs are argumentative strategies that can reiterate structures of power and domination, but also as possibilities of resistance to the biopolitical attempts of heteronormativity, that is, queer resistance technologies. The analysis material is composed of statements by parliamentarians at a meeting of the House of Representatives' Human Rights Committee.

KEYWORDS: Controversial speech. Resignification. New right. Argumentation.

Los objetivos controvertidos como resistencia extraña

RESUMEN

En el Brasil contemporáneo las batallas discursivas sobre el género y la sexualidad han sido cada vez más polémicas y han producido varios efectos de sentido. En este trabajo, nuestro objetivo es conceptualizar los objetivos polémicos como tecnologías de resistencia *queer*. El texto se organizó en dos secciones, siendo: en la primera, definimos lo que entendemos como la nueva derecha brasileña y presentamos una breve historia sobre el *queer*. En el segundo, discutimos el controvertido discurso y su estructura. Adoptamos las construcciones teórico-metodológicas de la Lingüística Queer para analizar los datos. Los resultados muestran que los constructos controvertidos son estrategias argumentales que pueden reiterar las estructuras de poder y dominación, pero también como posibilidades de resistencia a los intentos biopolíticos de heteronormatividad, es decir, tecnologías de resistencia *queer*. El material de análisis consiste en declaraciones de parlamentarios en una reunión del Comité de Derechos Humanos de la Cámara de Representantes.

PALABRAS CLAVE: Discurso controvertido. Resignificación Nuevo derecho. Argumentación.

NOTAS

¹ Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2019-06-25/deputado-e-acusado-de-homofobico-por-chamar-marido-de-glenn-de-parceiro-sexual.html>

² “Adjective: often offensive (especially of a man), old-fashioned strange, unusual, or not expected”.

³ Disponível em:

<<https://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/06/07/teoria-queer-o-que-e-isso-tensoes-entre-vivencias-e-universidade/>> Acesso em: 29/10/2017.

⁴ Oscar Wilde foi um escritor, poeta e dramaturgo nascido em 16 de outubro de 1854, em Dublin, o escritor irlandês é mais conhecido pelo romance “O Retrato de Dorian Gray” e pela peça “A Importância de ser Prudente”, assim como pela sua prisão por ser homossexual. Morreu no dia 30 de novembro de 1900, em Paris, na França.

⁵ Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/categoria/edicoes/193/>>. Acesso em: 29/10/2017.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. A comunidade moral bolsonarista. In: **DEMOCRACIA em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil de hoje**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. cap. 3, p. 52-70.

AMOSSY, Ruth. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. Trad. Angela Maria da Silva Corrêa. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 13, p. 227-244, jan/jun.2017.

ARANTES, Paulo Eduardo. Nova direita surgiu após junho, diz filósofo: depoimento. Entrevista concedida a Eleanora de Lucena. **Folha de São Paulo**, 31 de outubro 2014. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1541085-nova-direita-surgiu-apos-junho-diz-filosofo.shtml>. Acesso em: 01 jun. 2020.

BENTO, Berenice. Queer o quê? Ativismo e estudos transviados. **Revista Cult – Dossiê Teoria Queer – o gênero sexual em discussão**, nº 193, ano 17, p.42-46, agosto de 2014.

BORBA, Rodrigo. Linguística Queer: Uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, [S.l.], v.9, n.1, p.91-107, jun. 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/viewFile/10378/4862>. Acesso em: 04 jul. 2020.

BOSCO, Francisco. **A vítima tem sempre razão? Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro**. 1 ed. São Paulo. Todavia, 2017. 208 p.

BUTLER, Judith. Acerca del término “queer.” In Judith Butler. **Cuerpos que importam – sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2002, p. 313-339.

BUTLER, Judith. Performatividade, precariedade y políticas sexuales. **AIBR. Revista de Antropologia Iberoamericana**, vol. 04, nº 03, set/dez 2009, p.321-336. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/623/62312914003.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CHAUÍ, Marilena. Sociedade brasileira: violência e autoritarismo por todos os lados: depoimento. Entrevista concedida a Juvenal Savian Filho e Laís Modelli. **Revista Cult**. 2016. Disponível em: www.revistacult.uol.com.br/home/2016/02/sociedade-brasileira-violencia-e-autoritarismo-por-todos-os-lados. Acesso em: 10 jun. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A tecnologia política dos indivíduos**. Ditos e escritos VI. Ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro-São Paulo, 2004, p. 301-318.

LA TAILLE, Yves de. O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade. **Psicol. Reflex. Crit.** [online]. 2002, vol.15, n.1, pp.13-25. ISSN 0102-7972. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722002000100003>. Acesso em: 05 mai. 2020.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, nº124, 2015. p.652-654.

MISCKOLCI, Richard. Crítica à hegemonia heterossexual. **Revista Cult – Dossiê Teoria Queer – o gênero sexual em discussão**, nº 193, ano 17, p.33-35, agosto de 2014.

MORAIS, Argus Romero Abreu de. O discurso político da extrema-direita brasileira na atualidade. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 152-172, 28 jun. 2019. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/12129>. Acesso em: 01 jun. 2020.

RIBEIRO, Renato Janine. Extrema-direita avança com ódio aos direitos humanos, diz filósofo: depoimento. Entrevista concedida a Roldão Arruda. **Estadão**. 2015. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/blogs/roldao-arruda/extrema-direita-avanca-com-odio-aos-direitos-humanos-diz-filosofo/>. Acesso em: 20 mai. 2020.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Direita nas redes sociais online. CRUZ, Sebastião Velasco; Kaysel, André; CODAS, Gustavo. (org.). **Direita, volver!:** o retorno da Direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Edição Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 213-30.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris:** do homossexual ao movimento LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOLANO, Esther. A bolsonarização do Brasil. *In: DEMOCRACIA em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil de hoje*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. cap. 19, p. 307-321.

Recebido: 27/07/2020.

Aprovado: 29/10/2020.

DOI: 10.3895/cgt.v14n44.12823.

Como citar: BEM GONÇALVES, Carlos Henrique. As visadas polêmicas como tecnologias de resistência queer. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 44, p. 113-128, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Carlos Henrique Bem Gonçalves

Rua Jatobá, 22, Bloco 1, Apto 304, São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

